

## UNIDADE 3 – 15/08/2017

**QUAL O LUGAR DA LITERATURA NA ESCOLA?***ELIANE MACHADO PIMENTA\**

Ao conversar com o subjetivo e o singular de cada um – tanto com o vencido como o ainda por vencer – é que nos inauguramos como humanos. A literatura é uma das possibilidades que encontramos para confirmar a vida como possível e razoável, pelo que existe nela de conhecido e ainda por conhecer.

*Bartolomeu Campos de Queirós*

Ao pensarmos no trabalho de formação de leitores na escola, nos deparamos com muitos questionamentos, entre os quais o que dá título a este artigo – qual o lugar da literatura na escola?

Há décadas os professores da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental inserem a leitura literária em suas rotinas, passando, assim, a fazer parte do planejamento e do cotidiano das crianças. No entanto, a presença dos livros literários está muitas vezes ligada ao ensinar, ao reforçar ou ilustrar um conteúdo.

Pensar a formação do leitor implica inicialmente pôr em jogo a concepção de infância e a concepção de literatura infantil, pois estão diretamente ligadas às escolhas dos livros, espaços e mediações a serem inseridos no planejamento.

O que é a infância, afinal? Se para nós ela é um momento do “vir a ser”, da impossibilidade, da falta, com certeza escolheremos uma literatura infantil que “ensine” da forma mais simples possível, sendo o texto um pretexto para aplicar o conteúdo. Uma literatura que se utilize de recursos fechados e lineares, preferencialmente com significados únicos. Nesse caso, quanto mais simples for o texto, melhor para a aplicabilidade dos objetivos.

Ora, mas se a infância é para nós uma categoria social e enxergamos a criança como sujeito ativo que pertence a um mundo sócio-histórico-cultural, um agente pleno da sociedade que compreende, transforma e produz cultura, com certeza escolheremos uma literatura infantil provocativa, rica em recursos linguísticos, que abra caminhos diversos e que possibilite muitas e várias interpretações.

**UNIDADE 3 – 15/08/2017**

Pensar sobre essas concepções, posicionar-se a respeito delas, permite ao professor fazer escolhas mais definidas em seus planejamentos, pois é necessário pontuar qual o lugar da literatura na escola. Que escolhas fazer sobre acervo, mediação, espaço? Em que momento os livros estarão presentes, como estarão, por que estarão? Quem lê para quem? Há lugar para a leitura em voz alta, ou somente a silenciosa? Os alunos podem manusear os livros ou só o professor? Os alunos podem levar os livros para casa?

Como muito bem nos ensina Bartolomeu Campos de Queirós, a literatura é uma das possibilidades de encontro consigo e com o outro “pelo que existe nela de conhecido e ainda por conhecer”. Isso se dá porque somos constituídos de e pela linguagem. A linguagem nos insere na sociedade e nos constitui como sujeitos dentro de um determinado momento histórico, de uma determinada cultura.

Desde cedo a criança ouve de seus pais as cantigas de ninar, que são os primeiros textos que visitam sua vida e vêm povoar de cultura escrita uma existência que não se dará mais sem esta. A criança narra o tempo todo, pois sua memória recria os fatos narrando e significando as experiências vividas: “Amanhã eu fui à praia com a mamãe”, “Minha avó fez um bolo pra mim”. Ainda antes de dominar totalmente a estrutura da língua, ou de ter um vasto vocabulário, ela se arrisca, mergulhando na experiência narrativa para se fazer sujeito de seu tempo e de sua história.

Neste sentido, ouvir histórias, ouvir muitas e boas histórias ajuda a constituir a infância, não só pelo que é narrado explicitamente, mas também pelas lacunas que permitem ao leitor preencher e recheiar com seus significados. Histórias que fazem rir, histórias que permitem viajar para onde quiser com um simples pó de pirlimpimpim, histórias que tratam da perda, ou que causam medo, histórias com cujos personagens a criança se identifica ou repele. Histórias que nos possibilitam viver nesse tempo e em outros. Textos que permitem brincar, transformando as palavras em brinquedos, como as parlendas, os poemas, que trazem o aspecto lúdico com suas rimas e ritmos, muitas vezes descompromissados do senso comum.

E, assim, essa linguagem que nos constitui vai chegando (e ficando) para a criança como expressão artística, trazendo o belo, o estético, favorecendo o encontro com o conhecido e com o desconhecido, com a fantasia e também com o que é real, possibilitando que cada um se constitua como sujeito, dentro de seu potencial.

É nessa perspectiva que a literatura nos confirma como humanidade!  
Mas que escolhas fazer? Existe uma lista de bons livros? Quais são os livros indicados para trabalhar a literatura como experiência libertadora?

## UNIDADE 3 – 15/08/2017

Costumo desconfiar das listas de “bons livros” sugeridas aos professores. Somos profissionais intelectuais e temos condições de fazer nossas próprias escolhas.

Ao longo desses 26 anos de experiência em sala de aula, percebi que não há receita para nada. Sim, há critérios! Sim, há princípios e muito estudo! A escolha do acervo pode ser auxiliada por alguns critérios citados abaixo, mas nada, nunca, vai substituir a experiência vivida em sala de aula, naquele momento mágico em que somente professor (mediador) e aluno estão diante de um livro aberto. Há um pacto estabelecido pelos olhares curiosos, um pacto de cumplicidade que começa no “vou contar essa história para vocês” e só termina muito depois do ponto final. Isso, essa experiência viva, só quem trabalha com a literatura tem.

Lajolo (2001) traduz um pouco desse olhar ao afirmar que “a literatura é porta para variados mundos que nascem das várias leituras que dela fazem. Os mundos que ela cria não se desfazem na última página do livro, na última frase da canção, na última fala da representação nem na última tela do hipertexto. Permanecem no leitor, incorporados como vivência, marcos da história de leitura de cada um”.

Que possamos escolher livros-pontes para esse tipo de experiência!

Alguns critérios podem nos auxiliar nessa escolha e na composição de acervo para formação do leitor literário:

- **Qualidade de textos:** narrativas bem escritas, que respeitam a língua e criam boas imagens literárias.
- **Variedade de temas e de gêneros:** conto, fábula, poesia, quadrinhos, ficção científica, terror, aventura, suspense, romance.
- **Qualidade visual:** material impresso, projeto gráfico, ilustrações (esse fator é importante principalmente nos livros destinados aos alunos menores).
- **Livros premiados:** podem ser também um indicador, mas nunca o único critério. É importante ouvir a opinião do público sobre eles.
- **Livros clássicos:** há livros que superam a barreira do tempo e continuam sendo publicados e lidos durante muitos anos. Passam de geração em geração porque dialogam com as necessidades do leitor.
- **Ouvir o público:** é importante, sempre que possível. Não só os adultos devem fazer as escolhas para as crianças. Elas podem e devem opinar.

Um aspecto tão importante quanto a escolha do acervo é definir fisicamente o espaço para ele. Em quais espaços da escola os livros devem estar presentes? Devem estar somente na Sala de

**UNIDADE 3 – 15/08/2017**

Leitura? Podem estar nas salas de aula, nos corredores? Será que irão sumir se espalhá-los pela escola?

Embora a Sala de Leitura seja um espaço privilegiado, onde o acervo estará organizado de forma sistematizada, ela não é o único lugar da escola onde os livros estarão à disposição do leitor. Pensar um espaço que proporcione o encontro do leitor com os livros aponta para a compreensão de que não é só na Sala de Leitura que se forma o leitor. Estamos falando de uma escola inteira que deseja formar o leitor literário; portanto, todos os espaços da escola devem convidar ao encontro com a leitura.

Sala de Leitura, salas de aula e outros espaços de leitura precisam estar ambientados de forma orientada e adequada para estimular a interação do leitor com os vários gêneros e suportes de leitura e com outros leitores.

Uma árvore no pátio, por exemplo, pode se transformar num aconchegante espaço para leitura ao ar livre. O próprio pátio, com espaços ambientados, pode ser um bom lugar para ler sozinho ou acompanhado.

Ora, se temos livros que compõem um acervo diverso, se estes se encontram organizados em diferentes espaços da escola, já avançamos bastante no que se refere ao questionamento principal deste artigo, mas ainda resta a dúvida: quando e como ler para os alunos?

A mediação da leitura vem se tornando, cada vez mais, fator fundamental na formação de leitores literários. Utilizo aqui o termo mediação como sinônimo daquela “contação de histórias” que fazemos na escola com o livro na mão, lendo para os alunos. Faz-se necessário explicitar, pois o termo mediação é relativamente novo em nosso meio.

As crianças da Educação Infantil e dos primeiros anos de escolaridade necessitam que o adulto faça a mediação entre elas e o texto escrito, incluindo as imagens e tudo o que o livro tem a proporcionar. Mediar inclui respeitar o texto escrito, permitindo à criança o acesso a toda a riqueza da linguagem expressa pelo autor.

Ler em voz alta para os pequenos é fundamental para abrir os horizontes interpretativos do que ouvem, veem e vivem.

Conforme nos ensina Corsino (2010), há todo um processo produtivo dos livros e, quando estes chegam às mãos das crianças, “geralmente cabe aos pais, aos familiares ou à professora a leitura em voz alta, com seus acentos apreciativos e interpretações. As práticas de leitura e as formas de ler, por sua vez, vão depender do tipo de livro, das intenções e finalidades da leitura, das conversas e interações que antecedem, que acompanham e que sucedem a leitura. Para se



## UNIDADE 3 – 15/08/2017

realizar, a leitura exige uma ambiência, um clima que garanta o espaço do leitor, seus silêncios e suas falas. É preciso, ainda, que a criança estabeleça relações entre o texto, as imagens, suas histórias e experiências pessoais. A mediação do adulto é o ponto-chave das primeiras leituras”.

E depois, quando o aluno já possui o domínio do sistema alfabético e autonomia de perpassar por vários textos, devemos parar de ler literatura em voz alta para ele?

Bem, esse é um questionamento que demanda outro artigo e novas reflexões, mas uma boa dica para essa questão é: pegue um livro literário na Sala de Leitura de sua escola no próximo Centro de Estudos ou Conselho de Classe e leia em voz alta para o grupo de professores. As reações do grupo darão pistas a esse respeito.

Assim também os confirma Michèle Petit:

“Ler histórias, pura e simplesmente, talvez só pelo prazer de contar, mostrar que se pode sonhar, que existe saída e que nem tudo está imóvel. Que inventem sua vida, que é possível inventar a própria vida. E que talvez, para inventar a própria vida, é preciso primeiro a matéria-prima; é preciso ter sonhado para poder sonhar e criar.”

Que possamos trazer essa matéria-prima para o cotidiano de alunos, pais e professores, recheiar de sonhos a vida escolar, presenteá-los com viagens aos lugares imaginários que a humanidade foi capaz de criar até hoje.

E por falar nisso: qual o lugar da literatura **na sua** escola?

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

- ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: gostosuras e bobices. São Paulo: Ed. Scipione, 1994.
- CORSINO, Patrícia. Literatura na educação infantil: possibilidades e ampliações. In: PAIVA, Aparecida (Org.). Coleção Explorando o Ensino. Literatura: ensino fundamental. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010, p. 128-204.
- FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Ed. Cortez, 1989.
- LAJOLO, Marisa. Literatura: leitores e leitura. São Paulo: Ed. Moderna. 2001.
- PETIT, Michèle. A arte de ler ou como resistir à adversidade. Trad. Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Ed. 34, 2009.

**INTERAÇÕES**

**PEDAGÓGICAS**

**MÓDULO ALFABETIZAÇÃO 2017**

## **UNIDADE 3 – 15/08/2017**

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. Sobre ler, escrever e outros diálogos. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

Sites:

[www.institutocea.org.br/prazeremler](http://www.institutocea.org.br/prazeremler)

[www.portaltrilhas.org.br](http://www.portaltrilhas.org.br)

Artigo apresentado como suplemento ao programa Interações Pedagógicas – Alfabetização 2017. MultiRio.

\*Escritora, consultora pedagógica e professora da Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro. Especialista em Educação pela PUC-Rio.